

O COMÉRCIO AMBULANTE

SEUS ASPECTOS HIGIÉNICOS E AGRADÁVEIS NAS GRANDES CIDADES.

SEUS ASPECTOS MISERÁVEIS E SUJOS NA PÁTRIA DOS LISBOETAS.

Em meio da febril e agitada vida de uma grande cidade, o comércio ambulante destaca-se pelos seus aspectos originais e bem populares, oferecendo aos transeuntes preocupados a rápida aquisição de pequeninas cousas de grande utilidade e também aos passeantes descuidados



Vendedor de refrescos em motociclete

distracções frívolas e caprichosas. E é nas praças publicas das cidades capitais, diante de lojinhas isoladas, em meio do deslizar vertiginoso de pessoas e carros, que a fantasia revolucionaria de qualquer pode apreender a visão de uma sociedade em regime comunista e livre, de uma sociedade que se fundasse na ajuda mutua, na rapida satisfação de exigencias apressadas.

Na nossa idade, o que pode justificar o comercio ambulante é a impaciencia que nos domina, é a actividade que nos torna meteoricos, é, enfim, a realidade desse proverbio inglês que nos aconselha sensatamente a não perdermos um minuto, sequer, para boa defesa dos nossos interesses. O equilibrio economico, sabem-no burgueses e proletarios, tornou-se definitivamente um aspecto imperioso e urgente desta grave questão social em que todos nos debatemos.

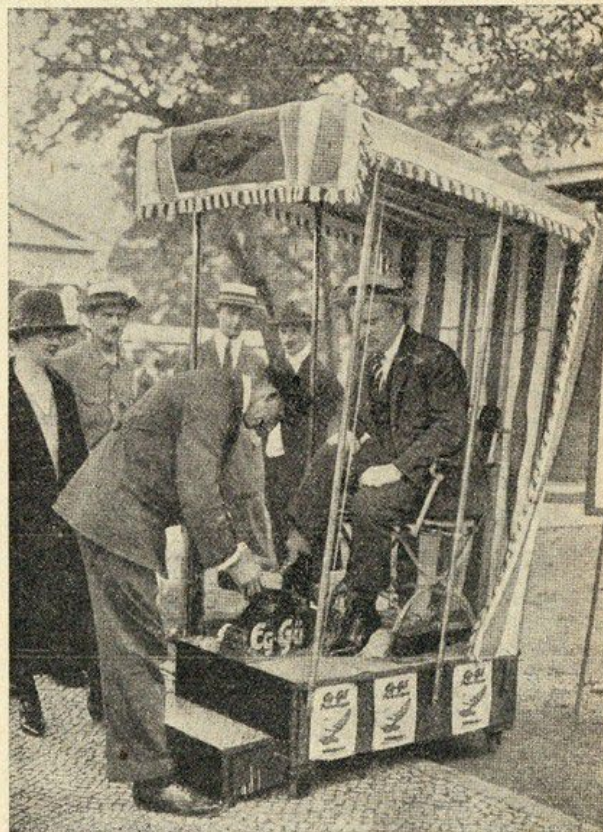
E o comercio ambulante, alem de nos facultar a compra, às vezes, por menor preço, e sem nos apartarmos de ocupações, daquilo que imediatamente precisamos, tem para nós, revolucionarios intransigentes, uma faceta simpatica. E' que neste comercio se empregam pessoas modestas, às quais os azares da vida e causas que nunca devemos aprofundar, não puderam garantir o exercicio de uma profissão, e a inexistencia de uma herança de bens acumulados sem proveito para ninguem, ou de qualquer destes negocios que requerem audacia e insensibilidade, impediram a reunião de capital financeiro para montar um estabelecimento.

A gente que viaja nota, nas grandes cidades do estrangeiro — se bem que Portugal não tenha uma grande cidade... — o desenvolvimento e o espirito de civilização do comercio ambulante. A fantasia, o desejo de atrair, o bom gosto e os cuidados higienicos, tudo reunido numa traquitana que faz sorrir um artista e dá alegria a um folgazão, inculca uma desinteressada confiança no publico, que, ao comprar, não tem uma palavra inquiridora da qualidade e da origem do produto.

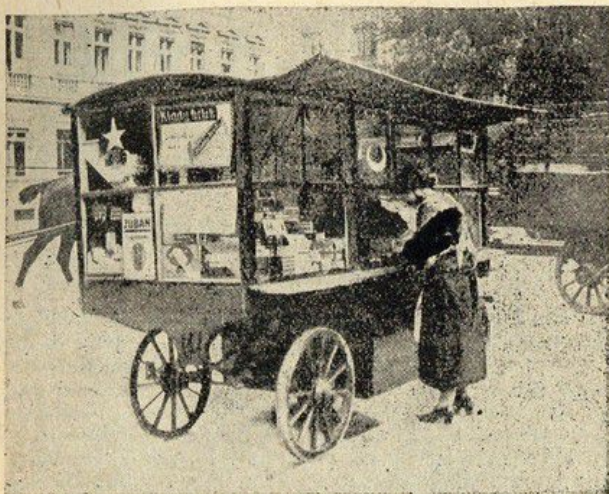
Em Paris, a feia cidade que a tantos de nós empolga como certas mulheres de deficiente beleza e demasia de encantos, é simplesmente prodigioso o genio inventivo de quem tem urgencia em viver. O testemunho de certos artistas portugueses que já lá estiveram nos comprovará se exageramos. A todo o instante, o turista, o estrangeiro, o provinciano, se detem na observação de estabelecimentos que cruzam as suas, sobre carrocinhas, ou que pousam nos recantos de uma praça, chamando o transeunte à aquisição de livros, flôres, quadros de arte, bugingangas varias e caprichos, exquisitos — e também de conserva portuguesa, consoante nos narrou um architecto contemporaneo...

Nas populosas cidades da Alemanha, os estabelecimentos ambulantes oferecem-nos os aspectos mais gratiosos e descontraídos. Em Berlim ha de tudo, para todos os gostos e para todas as exigencias. Desde o pequenino sorveteiro até a mais complicada armação de refrescos, desde o modesto engraxador à mais emaranhada quinquilharia, o comprador que passa encontra com que matar necessidades.

Assim, em tantas cidades, algumas delas verdadeiras metropoles, o comercio ambulante desenvolve-se, livre de perseguições policiaes e de pesadas contribuições, entregue ao seu proprio destino, dando às ruas aspectos festivos, agradaveis e frescos. E nessas cidades, a mendicidade não existe, os furtos não são frequentes, porque as



Engraxadores ambulantes em Berlim



Um estanco ambulante em Berlim

pessoas sem recursos abandonam expedientes de ocasião e, em completa liberdade, lançam-se em negócios de pequena utilidade, sem pavor ao fisco do Estado, do município ou da polícia, porque esse fisco não se exerce.

E porque não é assim em Lisboa? Dir-se hia que a capital portuguesa, a ganhar hoje aspectos de civilização, não quer apagar a sua feição de cidade asiática — sim, o azar é o factor arbitrário da vida lisboeta — cheia de vadios e polícias, mercadores e mendigos, soldados e meretrizes — moderna estrada de Damasco... Não existe seguramente um commercio ambulante, mas um cardume de vendilhões impertinentes. Nada existe de atractivo, fantástico, higienico, nem — consequencia logica — existe a confiança sorridente do que vem a passar.

A sujidade, o mau humor, o desprêso por quem compra, são as regras comerciais dos vendilhões. Os quiosques de jornais e refrescos e tabacos parecem caixotes enormes abandonados numa praça. Os lugares de venda são unicamente pequenas desagregações dessa feira da ladra que no Campo de Santa Clara se reúne duas vezes por semana e parece um bazar turco. O commercio ambulante entre nós tem realmente caracter próprio — o caracter proprio de mendigos e vagabundos.

Por aqui e por ali, mulherzinhas silenciosas e misantropas pousam sobre um banco de cozinha um cabaz de braço, que contem uns doces decómpostos e peganhentos, que as moscas logo assaltam, à compita, enquanto ela se senta ao lado, na beira do passeio, tomada de sonolencia.

Depois, vêm uns pequenos engraxadores, expressões garotas, simpaticas, mas frias e suplicantes, a sobressaírem de uma indumentaria original e arruinada; cauteleiros corpulentos pretendendo forçosamente que o passeante, sempre irritado, sempre melancolico, lhe favoreça o lucro da sua gritaria; um vendedor de bugigangas procura refinar o espirito bem popular do seu pregão; finalmente, um outro vendedor de gelados assenta no empedrado uma sorveteira imunda, que mata a sede ao transeunte apenas com a desagradavel perspectiva de um intoxicamento subito...

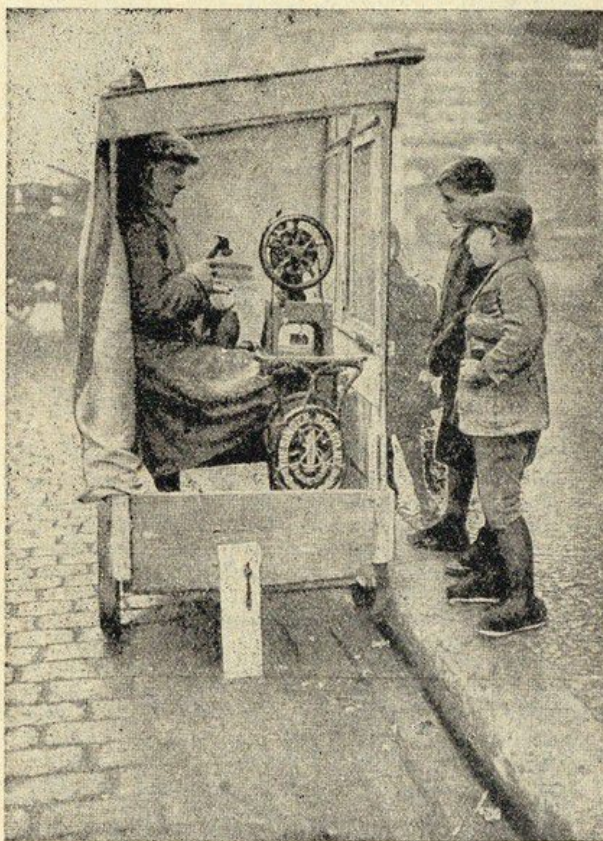
E um policia, que surge repentinamente ao fundo da praça, faz dispersar, entre gritos selvagens, num alarme que parece feito por índios, todos esses vendilhões que são uma suja e desconchavada caricatura de um commercio ambulante — que não existe... Apenas se quedam, indifferentes ao panico selvagem, arrumados às paredes, os livreiros improvisados; imoveis sobre os cestos as vendeiras de flores, negligentes, malcriadas, sem o charme das parisienses e sem a graça das sevilhanas; ficam também os carros dos bonés, que ao mesmo tempo mercam agulhas e alfinetes...

Refugia-se o lisboeta no café proximo. E tarda pouco que lhe surja um chinês alvar, estupidamente risonho, oferecendo, sem falar, porque nada sabe dizer senão uma

quantia em *secudöss*, umas quinquilhas que vieram da Alemanha, dessa Alemanha que tudo inventa e fabrica, e parece ter inventado e fabricado estes orientais de importação. E, logo, a seguir, um sujeito bamboeante, de rosto inexpressivo, porventura analfabeto, insinuando em voz cavernosa a aquisição de obras de Julio Denis, Fialho de Almeida, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, livros muito bons e baratos...

Só não voltam mais a mulher da fava rica ou as vacas leiteiras — porque se foram por uma vez, da circulação citadina. Desapareceram os «barquilleros», que semelhavam marcos postais a deambular, e os cruzadores de amendoim, sempre de caldeiras acesas, também deixaram de fazer o cruzeiro das ruas, por haverem sido, supomos, entregues aos T. M. E....

Tudo se vai, sem deixar grande saudade, mas não ha forma de acabar com o aspecto miseravel e primitivo do nosso commercio ambulante. E quando a policia vai à cominhão é que se lembra da decencia, perseguindo os vendilhões para tranquilizar o commerciante ganancioso e estúpido que, numa loja proxima, expõe artigos que teem o preço das ladroeiros...



Sapateiro remendão ambulante em Berlim

Ah! lisboeta! que bom seria, se pudessemos ir a Berlim beber um capilé sem poeira, e dar um salto a Paris para comprar um raminho de violetas!...

Não devemos nunca contrariar um ideal: mas apresentar outro mais puro, mais elevado, mais espiritual.

AMIEL.

Em matéria de bem, a inveja faz-nos sempre parecer que o do próximo é maior que o nosso.

FRANCISCO DE SALES